



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



19 DE DEZEMBRO DE 1964  
ANO XX — N.º 542 — Preço 15

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PÁCO DE LOUSA ★ FUNDADOR: Padre Américo ★ VALÉS DO CORREIO PARA PÁCO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZEANAL  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS ★ P.º MESTRE E IMPRESSOR: L.º ESCOLAS GRANDES DA CASA DO GAIATO



Eis a moradia que serve de consultório, despensa, sala de recreio e rouparia, sob a copa de frondoso arvoredo. É que a beleza diz muito bem no «Calvário» — leito de Esperança.

## Calvário

**U**LTRAPASSA em muito a casa dos duzentos o número de pedidos durante este ano. Quase todos ficaram por atender. E, muitos eram situações de confranger, desesperantes talvez, que a força moral nem sempre é tanta, que baste para alentar. Não esqueço mais aquela mãe cancerosa que vive no Algarve em companhia da filha paralizada. Nem aquela anormal disforme, que se encontra na Beira-Baixa em aide como animal. Pais, vieram apenas trinta doentes novos. Frente a tão elevado expoente de miséria e necessidade somos apenas pequenos e insignificantes abrigo, que quase nada resolve do que há para solucionar. Mas nós não pretendemos ser solução nenhuma em matéria de assistência social. Seria ridícula nossa intenção. Para tal há quem se proponha, mediante curso adequado; há quem se abalance utilizando orgânicas rasgadas e servindo-se de verbas largas que movimentam um mundo de gente para concluir (tenho-o escutado de pessoas responsáveis) que ficamos todos muito aquém do termo, porquanto o caminho assistencial a percorrer é bem longo.

Não somos solução nenhuma em matéria de assistência social. Seria ridículo pensá-lo. Ansiamos apenas por amar — o melhor que sabemos e cuidamos de saber — aquele que a nossa capacidade humana suporta. Isto basta-nos.

O Senhor já nos chamou vinte doentes durante este ano. Vimo-los partir um a um, e em todos colhemos a certeza de que não nos era pedido mais. Eles vieram de barracas, de pardieiros, de clínicas que os não podiam dar curados, de hospitais que os rejeitavam, porque não se sentiam capacitados em debelar-lhes a doença. Sabemos que não nos era pedido mais. Humilhamo-nos, sim, diante da pobreza humana que somos. Demos tudo. Mas somos pequenos. Somos nada. Queremos somente amar o doente que chega como se ele fora o único.

Padre Baptista

Visado pela  
Comissão de Censura

## O Pão dos Pobres

A estas horas, com certeza, poucos são os assinantes da nossa Editorial que ainda não tenham recebido o melhor presente de Natal — o III volume do «Pão dos Pobres».

A secção de Encadernação da nossa Tipografia é um mundo de trabalho — e de gente. «Caixa d'Óculos» aflito, que são horas de correio e quer mandar mais uma remessa de livros. «Caparica», «Aranha» e Adeline impacientes, que nem o trabalho à farta lhes ameniza o frio neste Dezembro cortante! «Cutinho» também a refilar com os «intrusos» da livraria! Eles tomam por sua conta a Encadernação e não lhe dispensam mesas necessárias ao movimento próprio da época. O escritório da Tipografia também em bolandas, como coordenador do movimento geral e, no fim de contas, o certo é que a expedição do livro, nesta

época (com ensaios de grupo cénico de permeio...) gera práqui uma autêntica revolução de trabalho e de trabalhos!... Quem dera que o «Pão dos Pobres» pudesse levar, em apêndice, e pelo punho de Pai Américo, mais esta riqueza actual e salutar que os nossos olhos e os nossos ouvidos gozam. Quem dera!

Ainda é um bocadinho cedo para avaliar, em toda a linha, da reacção dos nossos Amigos. Mas uma das primeiras cartas recebidas é um belo testemunho do interesse que o III volume do «Pão dos Pobres» suscita entre os quase 4.000 assinantes da Editorial!

«Acabo de receber o precioso 3.º volume do «Pão dos Pobres», evocação saudosa e vibrante do nosso sempre presente

Continua na TERCEIRA página

# Natal

**F**ACIL aos homens é o Mistério da Incarnação. No quente das suas lareiras, no mui quente dos seus lares, eles habituaram-se a considerar com um mixto de ternura e de comiserção, o «Pequeno que nasceu para nós» — como se ternu fosse o mais que Ele quer dos homens e comiserção algo de que necessit

A festa da Família, que o consenso universal faz ocorrer no aniversário do nascimento de Jesus, mesmo entre os cristãos, envolve de sensibilidades e abafa a inteligência do Mistério. Está certa a ocorrência. Mas que os homens se não fiquem em solenizar com Jesus a festa da Família, em que a carne e o sangue são os vínculos. Ele é o centro da Festa; embora os homens sejam o verdadeiro alvo dela, ao receberem na sua sociedade Deus feito um deles.

A festa é da Família sim; mas da Humanidade inteira tomada uma Família que nasce com Cristo, o Filho primogénito de Deus dado aos homens como Irmão mais velho.

A Festa é da Família; mas já não só da Família humana. Na Pessoa do Filho ela toca a Família divina. E desde agora Deus inserido na Humanidade, ficará solidário com ela de um modo novo que O compromete e O atinge em todos os sucessos e insucessos dos homens.

Eis porque o Natal é truncado pela licença dada ao sentimento na celebração da data. Eis porque a Festa não é comemoração mas actualização. Cristo nasceu, passou e partiu... Partiu e ficou. É um aspecto novo do Mistério, porventura o mais dinâmico porquanto a sua consideração ajuda os homens a ver Cristo presente na sua sociedade e a compreender que é Ele e só Ele, vivo entre nós, o vínculo sem O qual nunca os homens seriam assumidos à Família divina, nem sequer constituiriam a Família humana.

O Natal é o momento histórico em que este dom — o maior dom de Deus: o Seu próprio Filho — nos foi feito, em humildade

Continua na SEGUNDA página

# AGORA

ano velho não devia terminar sem mais esta saída da Procissão, que tem andado tão arredia, por falta de lugar para ela, neste centro onde, por graça de Deus, a Caridade se manifesta em muitas devoções. Pois desde há não sei quando, ela aí vai hoje. Casas por inteiro — Só uma, entregue no Tojal, por dois filhos em memória da Mãe. Chamar-se-á Casa Maria Augusta.

Depois vem os Pessoais, aqueles conhecidos e perseverantes amigos, que um dia descobriram o gosto da colaboração no abrigar de tantos que vivem por aí — e nunca mais deixaram de colaborar. Passam o Pessoal do Grémio de Panificação do Porto, com 185\$00, 187\$50, 185\$00 e 187\$50; o da Caixa Textil, com 164\$00, 210\$00, 223\$00 e 209\$00; mais o da Caixa de Previdência do Distrito do Porto, com 154\$40, tal como os anteriores, produto de 1\$00 mensal para o Patri-mónio dos Pobres; e finalmente, o Pessoal da HICA (que eu, num engano que bem fôra não o ser, uma vez substituí por HI - Douro) com 1997\$40, mais 1781\$90, mais 1793\$30, mais 1876\$70, mais 1783\$90 a que a Administração juntou 13.042\$70 correspondente à cotização do Pessoal durante o primeiro semestre.

Outro grupo pequenino, no desfile de hoje: o das Casas para que vários concorrem.

Vinte para a Casa de N.ª Senhora do Carmo de «uma filha da cidade de Castelo Branco». Outro tanto para a Casa dos Professores Primários, da assinante 32.897. E 150\$00 para a Casa do Emigrante de quem «desde há um ano e meio tem a vida muito ensarilhada, estando nesta altura desempregado». Pois nem assim ele falta, bendito seja Deus! E a Maria de Loures, com uma achega de 49\$00 à Casa do meu aniversário.

Agora os de todos os meses. É o «Senhor Major do silêncio», como lhe chama P.e Zé Maria, com seis presenças, todas terminadas por um desabafo equivalente a este: «Alegra-me e fico feliz, quando consigo satisfazer estes meus desejos. O espírito parece-me que descansa e torna-se-me a vida mais leve. Desejo do coração muitas e boas ajudas e que a vida decorra sem dificuldades em todas as Casas do Gaiato».

A Maria do «Pequeno Louvre» apareceu três vezes. Mais o que poupa ao tabaco 20\$00 por mês. Duas vezes, a Alda do Ribatejo. Três, a que sempre pede «uma Avé Maria pela conversão de um chefe de Família». E 80\$00, relativos a dois meses, da nossa «cobradora» da Malveira.

Já se avistam os das Casas a prestações, mas primeiro desfilam os Eventuais.

Trinta do assinante 15595. Cinquenta, «por amor de Deus». Cinco vezes mais, à porta do Lar do Porto. De uma grande Amiga e velha frequentadora

do Património 142\$50. No Montepio Geral em Lisboa, do Fernando, do assinante 33503 (este é um homem que muitas vezes aparece!), da Alice e de um «pecador», 671\$00.

De uma anónima à porta da nossa Capela, 6.500\$00. Três dólares de uma senhora italiana que vive na América, por alma de seu filho. Ó caridade que não conhece distâncias nem nações!

Mais esta carta do Gerez, escrita no tempo balnear por uma Família de Gaia:

«Agradecemos o favor de nos informarem do que é necessário para oferecer uma casa para o Património dos Pobres. Deus concedeu-nos recentemente a graça de termos uma casinha nossa e gostaríamos de, em acção de graças, oferecer uma para o Património dos Pobres, logo que acabássemos de pagar a dívida com que ficamos... ou antes ainda, se Deus quiser.

Somos sempre muito e muito gratos, pedindo todas as bênçãos de Deus para a Vossa Obra.

Agradecemos que o nosso nome fique no anonimato, como de costume».

Ao que nós respondemos: Se desejam dar o título a uma casa sem restrição de lugar não nos negamos ao preço de Pai Américo: doze contos. Mas se querem dar uma casa tal e qual ela custa, farão o favor de dobrar a partida — e ainda assim será preciso muito jeito para remediar!

Encerra este grupo, «um casal católico e sua filhinha com 1 ano e 16 dias e seu filhinho, com 3 dias». Mandam 50\$00 por cada um dos filhos e uma carta muito simpática e fraternal.

Demos então a vez à grande falange que, só por si, faz uma Procissão.

Mais 50\$00 de Alcobaça para mais uma Casa Pai Américo. Quatro vezes mais prá Casa do António e do Fernando. Mais uma bolada igual e chega à meta dos 12 contos!

Mais 250\$00 da Av. Estados Unidos, de Lisboa, «para a

sonhada casinha da Mãe dum assinante». Outra Mãe, com igual quantia, para a Casa das 3 Marias: «Que Deus aceite este pouco, que é muito para mim. E que em troca permita que a mais velha das minhas 3 Marias arranje um emprego onde possa bem servir a Deus e se sinta feliz».

Outra Alda, esta da Rua de Campolide, com 1500\$00. Da Berta e Jorge, mais 100\$00.

De Aveiro já havia o casal-assinante 28562, que apareceu três vezes e fica na 90.ª prestação. Pois agora há mais outro casal:

«Um casal agradecido a DEUS pelo bem estar que lhe tem permitido gozar e pela sua complacência para os pecados que tem cometido, quer, em sinal de reconhecimento e por lhe parecer ser essa a melhor forma de o fazer, concorrer também para o bem estar dos Pobres, oferecendo-lhes, por vosso intermédio, uma casa.

A iniciar essa oferta, vem remeter a vossa Reverência, a importância de três mil escudos, e todos os meses, dentro do que lhe for possível, fará novas remessas até integral liquidação.

Gostaria depois conhecer o lugar onde essa casa viesse a ser construída e que lhe fosse dada a seguinte designação

CASAL AGRADECIDO A DEUS».

Mais outra que se propõe começar e escreve assim:

«Venho expor-lhe uma ideia que não me sai do pensamento, mas como a preparação moral e religiosa foi muito pouca não sei se pensarei bem.

Sou feliz graças a Deus. Sofro por ver sofrer. Sempre vencida sem estar convencida, a intenção sempre diferente da compreensão.

Nem sempre resignada. A carne é fraca. Gostaria quando e como me fosse possível enviar-vos o dinheiro para construir uma casa com a seguinte quadra:

Ó Jesus muito obrigado Por me deixares construir. Sabeis bem o que eu preciso E não me atrevo a pedir.

Se a minha ideia for aprovada espero saber quantia e condições. Há pessoas que prometem promessas. Eu também o faço raras vezes por achar que é uma amizade interessada. Se recebemos, enviamos. E também pode esquecer e ficamos em falta e eu não sei se estarei nesse número.

Mas confio na protecção divina que se encarregará de perdoar».

A resposta que acima damos serve a esta proposta.

Quinhentos da Beira, para o Casal Maria José, com recados para «Belem» e Ordins.

A «Mãe amargurada» relata o diálogo e pergunta se as suas contas estão certas... Júlio informa que sim.

Mais mil para a Casa Perdoai-nos Jesus, e esta tão linda quão humilde informação «Como vê, não sou a «pecadora» da Casa Jesus consolai os que sofrem. Sou outra pecadora, talvez maior». Agora esta carta:

«A pessoa que contribui para a casa «Jesus consolai os que sofrem» envia mais 1.000\$00 e pede orações, perdão para o seu egoísmo que há quem sofra mais e conformação para a sua incompreensão dizendo-me que espera que Deus lhe dê coragem».

300\$00 do Sr. Engenheiro da Rua de Campolide. Outro tanto para a Casa de N.ª Senhora do Rosário. Menos 100\$00 do do «Plano decenal». A Casa de Santo António leva mais uma pedra de 600\$00. Quatro vezes 100\$ do assinante 6790. Cinco vezes 200\$00 para a Casa de S. Francisco. Outras tantas vezes para a Casa Fé em Deus. Com três delas, a Casa de S. Bernardo fica na 4.ª prestação de 500\$00.

A Casa da Misericórdia Divina começou com uma entrega à mão de 7 contos e já levou um empurrão de mais dois.

A Casa Jesus e Maria começa com uma prestação de 4 contos. A da Avó Ema, cresce em mais 600\$00 e fica na 79.ª prestação.

Um Amigo de muitas vezes, recomeça com mil uma nova casa. Mais 3 vezes 100\$00 para a Casa Santa Terezinha pela salvação dos meus filhos.

Com duas achegas de mil, a Casa do Eduardo fica na 6.ª prestação.

«Flagelação» apareceu três vezes: 1500\$00 de cada.

E fecha Cruz, da Beira, com 150\$00, mais 500\$00, mais 500\$, mais 500\$00 para a Casa Graças à Santíssima Virgem.

E fecha com chave de ouro, pois está escrevendo no dia da Imaculada Conceição.

## Aqui Lisboa

A O sair este número de «O Gaiato» já as obras da nova Escola começaram.

Damos graças ao Senhor por termos atingido a fase concretizadora dos projectos, já de longa data, existentes nos corações dos Sacerdotes que nos precederam. Repetimos o que temos dito: não temos dinheiro nem fazemos ou faremos contas. Poremos, isso sim, toda a nossa boa vontade e todas as energias na realização desta empresa. Deus está e estará presente: tudo será dEle, por Ele e para Ele. A Sua vontade será a nossa. As nossas fraquezas com Ele serão forças irresistíveis.

O convite aqui feito para os nossos Amigos visitarem a Casa parece ter surtido efeito. Os visitantes têm-se multiplicado e pena é que muitos não possam vir até nós durante a semana. Ao domingo tudo está parado. Fora os serviços essenciais, não se mexe uma palha, como é uso dizer-se. As oficinas estão fechadas; no campo há repouso absoluto, salvo de parte dos encarregados de dar comida aos animais. Nós respeitamos o Dia do Senhor.

Na chamada «sala da Rainha Santa» podereis encontrar a planta e a perspectiva do que vai ser o novo aldeamento. Quem chega pode ajudar a tornar realidade o que, por enquanto, não passa do papel e do coração dos homens.

OS nossos Amigos fazem sentir das mais diversas maneiras a sua estima. Achamo-nos tantas vezes pequeninos perante a misericórdia. Continua na QUARTA página

# Natal

Continuação da PRIMEIRA página

e pobreza. Desde então, o Filho de Deus é o Irmão dos homens — e estes filhos de Deus e irmãos entre si.

Pois não é tão feliz a Festa do Natal, porque os homens sentem singularmente doces os laços de Família?! Como seria feliz a Humanidade se os membros da Família universal saboreassem sempre a doçura do Cristo que os une!

A esta luz (Cristo é a Luz!) adivinha-se o mandamento do amor — aquele dom total de nós mesmos com que só poderemos corresponder ao Dom de Deus, amando o nosso Irmão e por Ele, nEle, todos os irmãos por amor de quem Ele veio!

Com esta Vida, experimenta-se continuamente aquela Paz prometida, de que o Natal mal entendido e vivido, nos dá fugaz e pávida sensação.

Cristo não é Aquele que foi, mas Aquele que é. «O filho pequenito que hoje nasceu para nós, será chamado Deus, Forte».

Todo o Mistério do Natal reside naquela admirável Sociedade promovida por Deus com os homens, na qual «o Criador do género humano, tomando um corpo e uma alma humanos, dá aos homens a Sua divindade».

É esta a «nova luz de que nos inundou a Encarnação do Verbo». «Que esta luz, pela Fé, ilumine as nossas inteligências, e que as nossas acções a manifestem».

São estes votos que a Mãe Igreja nos faz na oração da Missa da Aurora.

São estes votos que nós fazemos a todos os que, pelo seu amor inteligente e vivido, pertencem à Família da «Obra da Rua».



# Areias do

# Cavaco

# Cantinho DOS RAPAZES

A riqueza mais preciosa de uma nação não está no dinheiro. A história dos povos; a nossa própria história abona esta verdade. O período de maior abundância de riqueza material, regra geral, é o também de miséria mais acentuada. Mesmo, materialmente, nunca podemos considerar uma nação rica, enquanto todos os seus componentes ou a maior parte, não participarem, ao menos, daquele mínimo necessário a que têm direito, por justiça.

Mas não podemos esquecer que a verdadeira riqueza de um povo é o Homem. E se do plano de nação passamos ao plano individual a conclusão é a mesma. Não raro a riqueza material anda de mãos dadas com a miséria moral. É que a verdadeira riqueza de um povo ou de um indivíduo não está no dinheiro. Está, sim, na posse de um conjunto de qualidades ou virtudes que o aproximam do homem perfeito — Cristo Jesus. Todo o trabalho no plano social ou individual, orientado para a valorização do homem é fonte de riqueza. Criar condições para que o homem descubra todo o valor encerrado no seu ser, é trabalhar para o enriquecimento de uma nação.

O homem há-de ser o centro de qualquer plano, seja ele de fomento ou de qualquer outra coisa, por mais arrojado que seja. O homem que encontrou condições para descobrir e desenvolver todos os valores em si existentes, pode considerar-se um homem rico, um homem feliz. E a nação que lhe proporciona os meios, do mesmo modo se pode considerar possuidora da verdadeira riqueza.

A Obra da Rua, através das Casas do Gaiato e de todos os outros rebentos, está a trabalhar para o enriquecimento da Nação. Quer recuperando o garoto da rua, a trilhar já o caminho da miséria, quer arparando o que estava em risco de o trilhar.

Ele há tantos valores perdidos! Há tantos que correm o risco de se perderem! O garoto da rua é um livro aberto, que dia a dia, nos vai mostrando os tesouros nele escondidos. Autênticas joias aos pontapés da sociedade!

— x —

As nossas contas — Confunde-nos a simpatia da Canada Dry pelos nossos pequenos. Ralhou conosco por não aparecermos por lá mais vezes. Abençoado ralhete que nos valeu, a partir de agora, 4 caixas de refrescos por semana. Ao menos, aos domingos, deixamos de beber água do Cavaco às refeições! Bem hajam, pois.

Máquinas de costura! A «Oliya» pôs uma à disposição dos nossos rapazes. A «Singer»

pôs outra. Foi uma alegria! O pior foi um problema grave que nos surgiu por causa destas dádivas: — a Sapataria, a portas meias com a Alfaiataria, queixa-se de que foi abandonada; que ninguém lhe liga; que precisa de uma máquina de gaspear calçado; que também é «filha de Deus» como a Alfaiataria. Ora, eu sei que há mais casas da especialidade e com máquinas do género. Só uma delas seria capaz de fechar a boca aos nossos sapateiros. Aguardamos! Entretanto, que Deus vos pague o bem que ides fazendo aos nossos rapazes. Mais um saco de açúcar da C. A. A. e outro da S. A. C. 4 pneus bons para carro. A lembrança do costume da Maria de Fátima, do Lobito, com um «xi-coração» para os mais pequeninos».

500\$00, do Lobito, de letra muito nossa conhecida. É admirável a perseverança destas presenças! 1.000\$00, dados em segredo, atrás de uma coluna da nossa Casa, com esta recomendação: «que

ninguém saiba». Que lindo dar! De um casal, 100\$00. Roupas, 2 latas de marmelada, 1 lata de banha e mais 100\$00. A Gabriela Maria, do Lobito, também não falhou, com «uma promessa feita pelo seu pai». Mais 270\$00, na Drogaria Coelho, Lobito, «pelo bom êxito do nascimento da 3.ª filha e pede três Avé-Marias». Ainda na Drogaria Coelho, uma lata de azeite, 100\$00 nas mãos de um vendedor de «O Gaiato», em Benguela. Mais 150\$00, dados em nossa Casa e 120\$00 por carta já muito conhecida também. Uma caixa de massa, todos os meses, na Padaria Santos Primo. Quem nos manda ir por mais? Fomos pelas Casas do costume, em Benguela e Lobito, buscar as contribuições mensais. Fomos pelo peixe. Que Deus abençoe as águas do nosso mar para que nunca falte o peixe, que tanta fartura traz a ricos e a pobres.

Bem hajam pela simpatia com que recebem os nossos rapazes.

Padre Manuel

## O PÃO DOS POBRES

Cont. da PRIMEIRA página

P. e Américo. Presente nos nossos espíritos e na ternura do nosso coração. Junto envio o vale de correio, na importância de 50\$00, com que contribuo para a sua difusão, pois a obra não tem preço».

Reparem no primeiro qualificativo — precioso. Não se pode dizer melhor! O «Pão dos Pobres» vale única e simplesmente pelas preciosidades que encerra (não pelo seu pobre aspecto gráfico). Preciosidades que o mundo ignora ou, o que é pior, tantas vezes faz por ignorar. Por isso ele abre não só os olhos como a alma de tantos, tantos! Diz aquele nosso Amigo, do Seixal, e muito bem: «Contribuo para a sua difusão, pois a obra não tem preço». Nem pode ter! As coisas santas não se medem nem pesam por notas de Banco. Aliás, foi sempre assim com os nossos livros. Não se nos dá que o assinante pague ou deixe de pagar — por falta de possibilidades. O que nos interessa verdadeiramente e acima de tudo é que leia e saboreie. Que o resto é nada em relação ao Valor que o livro encerra («tira as sandálias dos pés que é santo o lugar que pisas», adverte Pai Américo logo nas primeiras páginas).

Com o artigo já prontinho a ser entregue nas mãos do nosso linotipista, eis que surge mais uma presença vibrante, complemento da anterior.

É de um Cristão da cidade

da Covilhã, cujo frio se enregela corpos não arrefece almas. Porquê? Leiam e meditem:

«Bem hajam, queridos rapazes, por me terem enviado o III volume do «Pão dos Pobres». Eu já o possuía, mas nunca é demais receber a palavra do Senhor vivida na alma santa do saudoso Pai Américo!

«Todo aquele que renuncia a dinheiros, por amor de Deus, tem quanto dinheiro quere.

Que Deus, na Sua Bondade Infinita, inculque bem no meu coração estas palavras já que, bem o sei, é Jesus o Timoneiro do meu Lar. (...homens de pouca Fé, porque temeis...). E que este sentimento de Confiança e de Amor vivido no amor dos que sofrem e agrido no Infinito Amor de Jesus Eucarístico, enriqueça, cada vez mais, o património espiritual das nossas almas — minha, de minha mulher e dos meus muitos e queridos filhos — em bem que a traça não corroi, nem os ladrões cobiçam.

Junto 100\$00 para pagamento do papel do «Pão dos Pobres». O conteúdo é dom de Deus. Não se paga com dinheiro. Uma alma e um coração agradecidos».

Só de joelhos e de olhos na Cruz; só assim é melhor dar graças a Deus pelo testemunho vibrante e actualíssimo deste pai, nosso irmão em Cristo, cujo espírito de pobreza é a sua maior riqueza.

Júlio Mendes

«Depois de ter batido a tantas portas, estendendo a mão para mendigar um subsídio, que me viesse ajudar a encarar de frente as grandes despesas com o presente ano lectivo, o meu 5.º ano, e ainda as disciplinas de Francês e Inglês junto com a Secção Preparatória ao Instituto Industrial, vejo-me obrigado a recorrer mais uma vez a V. por não ser atendido em nenhuma das portas a que bati. Não era meu propósito fazê-lo porque sei as enormes despesas que essa Casa tem, mas creia que sem um subsídio não posso continuar os meus estudos que até aqui tão bem me têm corrido. Tenho seis pessoas a comer só do meu salário que é 30\$00 diários, pagar 120\$00 de renda, vestir e calçar e ainda todas as despesas escolares — tenho forçosamente que me empenhar. Já estou até às orelhas, como se costuma dizer. O que me entristece é contar tudo isto às entidades a que pedi mostrando-lhes até os bilhetes de penhores, letra de Banco e outras dívidas e nada. Andei doente uns dias, pois contava pelo menos que a Fundação Calouste Gulbenkian me socorresse para eu poder estudar sem preocupações, mas nada. Como desta recebi tantas outras respostas de igual teor que não lhe mando para o não estar a maçar. Por tudo isto pode verificar a situação crítica em que me encontro. De um lado os filhos a pedirem comida, por outro eu a precisar de mais um livro, mais uma sebenta etc. e sem saber do dinheiro. Mas mesmo assim eu cá vou seguindo e estou já no 5.º ano e o que é mais curioso com um aproveitamento bom se atender às condições difíceis em que estudo.

Para justificar veja as médias deste ano findo: Português 15; 15; 15; Mecânica geral 16; 16; Química 11; 14; 14. Desenho 13; 14; 14. Matemática 10; 11; 11. Oficinas 10; 10; 10. Exames finais do fim do ano: Português dispensado 14, Mecânica geral disp. 14, Matemática 13. Se não fosse as oficinas tinha direito a uma bolsa de estudos. Devo explicar que tirei fraca média a oficinas porque sou teclão e estou a tirar um curso de Serralheiro Mecânico, muito diferente, e estou ainda a adaptar-me.

Espero confiadamente que vai ter para comigo a melhor das atenções, ajudando-me a dar mais um passo em frente e aproximar-me da meta com a qual há muito sonho, que é assegurar o futuro dos meus filhos. Não pretendo ser rico mas sim ter o necessário para viver com a graça de Deus. O presente ano lectivo começou hoje e as aulas

terão início já na próxima semana. Com elas terão início também as despesas de livros, cadeiras e outros objectos escolares.

Peço desculpa por toda a maçada. Seu servo.

Jacinto Ferreira Peix

Eis um bom rapaz, chefe de Família, que o pároco me apresentou há algum tempo, que não dei fé de ir já em cinco anos. No princípio de cada ano lectivo ele aí tem aparecido e, com a graça de Deus, sempre lhe tem dado um empurrãozinho que mantém em movimento até os exames finais. Alegro-me em termos podido dar-lhe a mão de esforço heróico que o empurrou e que Deus tem coroado de êxito bem merecido, em condições só o Seu auxílio o pode justificar.

Dou à estampa esta carta com o pensamento naqueles dias que, tendo tido tantas possibilidades, as não aproveitaram e era justo; e para que os outros que, tendo aproveitado a oportunidade que se lhe ofereceu, saibam apreciá-la melhor na comparação deste voluntarioso companheiro que constrói a sua promoção social (por enquanto sem contabilidade económica) sob o alicerce do seu sacrifício.

Mas publico-a, também, com a esperança de que alguém hão de ler esta carta e se há-de ser com ela. E que, depois de desperdiçar tanto em tantos «bonitos» que não dão prova de ninguém ou só um mero passageiro proveito a alguns poucos, se dê a mão a este operário de 30 anos, que quer levar aos seus filhos tempos melhores o que enriquece hoje a Pátria com o capital do seu suor e do seu sangue.

## BELÉM

O falecimento do Senhor Bispo de Viseu levou-nos à recordação de factos passados no alvorecer de Belém, o que vem tão a propósito na presente quadra do Advento.

Dizia eu no último número que um rancho de Belenitas associou piedosamente às preces de sufrágio por alma do Senhor D. José.

Piedosamente... O advento não saiu ao acaso... As Belenitas sabem, de facto, estar na Igreja e sabem rezar. Vários pessoas o têm notado e mo tem dito. Sacerdotes e leigos.

Pessoas tem havido que,

Continua na QUARTA página



# ★ BELEM \*

Cont. da TERCEIRA página  
nhecendo a Obra e a origem das  
pequenas, se admiram do que  
lhes é dado observar.

Ainda há pouco, conversando  
eu com o nosso Pároco sobre as  
dificuldades da educação, por  
causa dos maus hábitos adqui-  
ridos, doenças, taras, e maus  
exemplos trazidos da família e  
do meio em que viviam, ele me  
observou que, pelo seu compor-  
tamento na Igreja, nunca o  
poderia calcular.

Eu respondi que tal acontece  
precisamente porque elas, no  
que toca a noções e práticas de  
religião, vinham completamente  
em branco.

Com raras excepções, nunca  
tinham entrado numa Igreja,  
nunca ouviram uma lição de  
catecismo nem conheceram um  
Padre.

Eram, de facto, cordeiros per-  
didos dos seus rebanhos.

Tudo o que sabem presente-  
mente, aprenderam no em Belém  
e não podem conceber que haja  
dentro da Igreja e diante de  
Deus outro comportamento dife-  
rente do delas.

Saibam as pessoas crescidas  
que as escandalizam, quando não  
guardam a compostura, o res-  
peito e o silêncio devido à Casa  
de Deus. Tratando-se de crianças,  
ainda lhes dão um desconto.  
(Não sabem, como elas ou...  
são mal educados...). Mas os  
adultos... que triste exemplo...

Que elas eram cordeiros per-  
didos, prova-o este facto que dá  
assunto de séria meditação.  
Foram Padre Carlos e Padre  
Horácio que trouxeram as pri-  
meiras. Pois, quando davam al-  
guma saída pela cidade, se ca-  
lhava lobrigarem alguma batina,  
por entre os transeuntes, lança-  
vam-se numa corrida a que era  
impossível pôr travão e lá iam  
atacar de cumprimentos e festas  
o Senhor Padre. Não importava  
que ele fosse alto ou baixo, nu-  
trido ou magrinho. Pois se, no  
mundo (delas!...) só havia  
aqueles dois que as trouxeram...  
Quando descobriam o engano, ó  
decepção e surpresa!

As primeiras vinham tão bra-  
vias que nem na rua sabiam  
andar, quanto mais estar na  
Igreja. Eu tinha de ficar sem  
Missa, mesmo em dias de pre-  
ceito, se não aparecia alma ca-  
ridosa que me tomasse conta  
delas.

Assim se chegou a Sexta Feira  
Santa e nesse dia não me  
resignei. Já as levei comigo.  
Estiveram sossegadas e observa-  
do tudo e todos com ares de  
muito admiradas.

Na altura da adoração da  
Cruz lá seguiram atrás das  
outras pessoas e eu recomendi-  
lhes que voltassem ao mesmo  
lugar, onde nos encontraríamos  
todas.

Mas qual? Foram mas é em-  
polear-se lá ao cimo, nos bancos  
contíguos às cadeiras do clero.

A figura do Senhor Bispo impôs-  
se-lhes de tal modo que não  
avançaram mais. Ali ficaram,  
muito quietas, boca meia aberta  
e olhos esbugalhados, presen-  
ciando o espectáculo inédito.

Eu não me intrometi... não  
viesses a emenda a sair pior do  
que o soneto...

Mas, quando começou a de-  
bandada, resolvi pô-las à prova  
e escondi-me atrás duma colana.

Depois do susto que me pre-  
garam regalei-me de as ver todas  
aflitas, à minha procura...

Já se tinham ajeitado ao  
novo lar. De resto, os estômagos  
deviam estar a dar horas e elas  
sabiam que as esperava (perdão,  
vamos fazer...) uma sopinha ape-  
titosa e mais alguma coisa para  
acompanhar...

INÉS

Belém — Vildemoinhos — Viseu

## Aqui Lisboa

Cont. da SEGUNDA página

dia de Deus! E perante a  
maneira de dar daqueles que  
nos amam! Já temos ajoelhado  
no nosso quarto de trabalho.

Esta semana chegaram até  
nós duas notícias que nos cau-  
saram sensação. A primeira  
refere-se aos livros com que  
havemos de formar a biblio-  
teca dos Rapazes. Alguém que  
muito nos quer disse sim e os  
nossos filhos vão ter leituras  
sábias e formadoras. A se-  
gunda diz respeito à aquisição  
de uma máquina de descascar  
batatas: «Veja lá isso e trate  
de adquirir a máquina». Quem  
vem por uma fritadeira?

○ Licas é um dos novos  
pretendentes à tipogra-  
fia. Já fez exame de  
admissão e, como o Primo,  
também, ficou mal. Nós temos  
de ser exigentes com os Rapa-  
zes. Num clima de moleza não  
podemos formar homens. As  
facilidades só têm razão de  
ser na medida em que estamos  
aptos a usufruí-las numa  
base de responsabilidade. Fora  
desta visão é de esperar o  
fracasso.

Pois o Licas foi tirar uma  
radiografia que, graças a Deus,  
nada acusou. Mas o pior é que  
o convenceram que tinha os  
«pulmões trocados!» E, ele,  
pretendente a tipógrafo — que  
se julgam os selectos cá da  
Casa — acreditou! Veio-me  
perguntar se era verdade!

Dois aspectos da vida do  
Licas, como podiam ser de  
outro Rapaz. Trazemo-los para  
aqui para veres como tudo nos  
interessa. Não é assim uma  
verdadeira casa de família?

Padre Luiz

# PELAS CASAS DO GAIATO



## Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

• VEM AÍ O NATAL — Apesar da  
magreza de presenças assinala-  
das até agora e sobretudo por isso  
é que a gente torna a bater no mes-  
mo ponto — vem aí o Natal.

E, claro, Natal sem consoada,  
em casa de Pobres, não é pobre  
é paupérrimo. Daí precisarmos  
de algo mais para o muito que  
vamos gastar em proveito dos  
nossos irmãos. Ele é azeite, são  
batatas e bacalhau e tudo o que é  
costume para uma mesa cheia,  
em a noite mais santa do ano.

Não queremos exigir impossí-  
veis. Não senhor. Mas dentro do  
que é possível, com certeza, as  
vossas bolsas ou as vossas arcas  
não ficarão lá muito depenadas.  
Aqui vai já um exemplo do que  
pode e até onde vai uma alma que  
acha por bem marcar presença:  
C. R., de algures (ó delicadeza!)  
deixa \$500 produto da venda de  
lâmpadas velhas. Isto é o que  
se chama dar lições a tantos que  
desperdiçam tanto!

Mais adiante é um Sacerdote,  
muito amigo, da Cova da Iria,  
que não se enclausura mal ouve  
o sino do nosso campanário tocar  
a rebate, e comparece com 400\$00  
(foram 60\$00 para a assinatura  
que ficou em dia).

Agora é a vez da Capital que nos  
diz:

«Como ainda não fui para o  
Ultramar aqui estou a escrever  
em nome de minha mãe. Junto  
vai a habitual dávida e mais 50\$00  
para a vossa Conferência mais  
necessitada».

E mais 40\$00 da assinante 17022  
que chegaram direitinhos e em  
boa hora, como habitualmente.  
Mais 50\$00 de um farmacêutico  
muito amigo de Cabeceiras de  
Basto. E mais 200\$00 de um  
licenciado em Económicas, do  
Porto. Eu estava a ver que a cidade  
Invicta se havia esquecido. Mas  
não. Alto! Ainda temos aqui  
nova comparação da Capital do  
Norte. É o nosso amigo e assi-  
nante 18223 com 60\$00 para a li-  
quidação da cota do 2.º semestre  
e «como castigo»... junto mais  
50\$00 para o muito que há sempre  
para fazer pelos Pobres». Não  
se pode dizer tanto em tão pouco.  
E não podíamos, até, fechar mel-  
hor a nossa súplica de hoje.

Esperamos, em Deus, que ela  
surta mais um bocadinho de efeito  
já que o Natal é daqui a poucos  
dias.

Júlio Mendes

## MIRANDA

• BOAS FESTAS — O sentimento  
que, em primeiro lugar, nos  
vem ao pensamento, na altura em  
que esta escrevo, é o de desejar  
a todos os nossos estimados leitores  
um Natal muito alegre. Ao mesmo  
tempo, formulamos e pedimos ao  
Senhor que a todos dê um Novo  
Ano cheio de prosperidades e  
muito feliz. Resumindo, queridos  
Amigos, que todos vivam santamente  
esta Santa Quadra festiva do Natal  
e da circuncisão do Menino Jesus  
e que reine em todos os corações a  
Paz que Ele veio trazer, aos homens  
de boa vontade, naquela noite  
venturosa de 25 de Dezembro de  
há quase 2.000 anos e que nós anual-  
mente comemoramos em grande  
festa, com a Igreja.

• BODAS DE PRATA — Como  
todos os cristãos e até não cris-  
tãos, preparamo-nos para cele-  
brar a festa do Nascimento de

Jesus Cristo. Mas além desta festa,  
andamos também empenhados na  
preparação de uma outra que nos  
diz respeito a nós, directamente e  
a todos os que fazem parte desta  
grande Família da Obra da Rua.  
Há 25 anos que Pai Américo fundou,  
aqui nesta Casa, a sua grande Obra  
que a pouco e pouco foi crescendo  
a ponto de já ter atingido Angola,  
onde temos duas Casas, com mais  
de um ano de existência.

Em 25 anos muito se fez. Atestam-  
-no as nossas Casas; mostram-no  
as centenas de rapazes que por  
elas já passaram e agora estão  
espalhados por toda a parte; afir-  
mam-no os continuadores desta  
mesma Obra e confirmam-no os  
leitores assíduos de «O Gaiato»,  
verdadeiros admiradores, amigos  
e colaboradores, a quem se deve  
também a grandiosidade da Obra da  
Rua. Queremos, pois, festejar estas  
Bodas de Prata de maneira simples  
mas condigna.

Primeiramente rendendo Graças  
a Deus pelo muito que realiza por  
mãos humanas; prestar saudosa  
homenagem a Pai Américo; feste-  
jar igualmente o acontecimento em  
união com todos os nossos amigos  
que contamos como membros da  
nossa Família Gaiata.

Do programa já falou no último  
número do Famoso o Sr. Padre Ho-  
rácio, pelo que contamos, depois, re-  
latar o que for passado.

João Fernandes

## Lar do Porto

• Desde há muito tempo que não  
escrevo deles. Um tanto aler-  
tado! Hoje, o assunto é essencial;  
força-nos a actuar. Só por isso.  
E bem assim.

Fui com os meu colegas domingo  
de manhã.

Estes, três rapazes de boa vontade,  
entre os bastantes do Lar do Porto.  
São só três e que sejam bons,  
muitas graças a Deus há que darmos.  
Sempre é mais do que um; e um  
é mais que zero.

Meditem, rapazes despreocu-  
-pados com tudo que vos possaser  
útil, enobreça e vos dê sentido  
de serdes alguém de bem.

Defini-vos já que serão os outros  
a proclamar o que valeis, o que  
sois de positivo.

É na exigência natural de um  
pelo outro que tem o aliciente  
de uma grande confiança comum.  
A primeira ideia não podia ser.  
senão para vós, rapazes do Lar.

• Sr.ª Júlia — 17 horas. Bate-  
-mos-lhe à porta. Entramos e  
conversamos. Muito satisfeita e nós  
radiantes pela sua alegria. É muito  
simples de mais para se notar.  
É muito querida por nós.

É dali da Rua de S. Victor. Tam-  
-bém numa ilha.

• Por hoje, ficamos aqui. Não  
quero acabar sem vos lembrar de  
que vem aí o Natal. São muitos  
a consoarem. Andam pelos 30  
Pobres.

Todos os Natais foram precisos  
uns 4 mil escudos para as batatas,  
azeite, arroz, bacalhau e pão.  
É verdade.

E roupinhas de agasalho e cama  
quem as tiver que lhe não faça  
falta—que nos mande. É tudo para  
eles. Bom e mau. Nós vigiamos  
tudo. Ai deles que vendam ou  
empenhem. Serão castigadíssimos.

Não esqueçam os nosso Pobres.  
Bençãos de Deus.

Zé Maria Diniz

# BODAS DE PRATA

Não podemos deixar de interessar  
a grande Família de fora, no aniversário  
jubiloso da Obra da Rua que, se Deus  
quiser, os obreiros de dentro vão cele-  
brar de 3 a 7 de Janeiro próximo.

Contamos com a comunhão de  
todos nesta hora grande da nossa vida,  
como nos habituaram em tantas outras.  
Que nos ajudem a cantar as misericór-  
-dias de Deus; e a merecer d'Ele a graça  
de Lhe correspondermos cada vez mais  
fiel e generosamente.

Dia 3 às 4 horas da tarde começarão  
em Miranda do Corvo, a Casa-Mãe da  
Obra, as nossas comemorações.

Dia 5 juntar-se-ão em Paço de Sousa,  
alguns rapazes mais responsáveis da  
Obra, para robustecerem em comum a  
mentalidade e melhorar as forças que  
lhes darão a Graça de servir melhor.

Dia 7, contamos ter a presença de  
Amigos provados, e a alegria de sentir  
a Igreja a pulsar connosco, na Missa de  
acção de graças e na sessão em que  
recordaremos o passado e reavivaremos  
a chama que há-de continuar a arder.

